

DOMINGO XXX DO TEMPO COMUM

CIC 547-550: Jesus manifesta os sinais messiânicos

- 547** Jesus acompanha as suas palavras com numerosos «milagres, prodígios e sinais» (*Act 2, 22*), os quais manifestam que o Reino está presente n'Ele. Comprovam que Ele é o Messias anunciado¹.
- 548** Os sinais realizados por Jesus testemunham que o Pai O enviou². Convidam a crer n'Ele³. Aos que se Lhe dirigem com fé, concede-lhes o que pedem⁴. Assim, os milagres fortificam a fé n'Aquele que faz as obras do seu Pai: testemunham que Ele é o Filho de Deus⁵. Mas também podem ser «ocasião de queda»⁶. Eles não pretendem satisfazer a curiosidade nem desejos mágicos. Apesar de os seus milagres serem tão evidentes, Jesus é rejeitado por alguns⁷; chega mesmo a ser acusado de agir pelo poder dos demónios⁸.
- 549** Ao libertar certos homens dos males terrenos – da fome⁹, da injustiça¹⁰, da doença e da morte¹¹ – Jesus realizou sinais messiânicos; no entanto, Ele não veio para abolir todos os males deste mundo¹², mas para libertar os homens da mais grave das escravidões, a do pecado¹³, que os impede de realizar a sua vocação de filhos de Deus e é causa de todas as servidões humanas.
- 550** A vinda do Reino de Deus é a derrota do reino de Satanás¹⁴: «Se é pelo Espírito de Deus que Eu expulso os demónios, então é porque o Reino de Deus chegou até vós» (*Mt 12, 28*). Os *exorcismos* de Jesus libertam os homens do poder dos demónios¹⁵. E antecipam a grande vitória de Jesus sobre «o príncipe deste mundo»¹⁶. É pela cruz de Cristo que o Reino de Deus vai ser definitivamente estabelecido: «*Regnavit a ligno Deus* – Deus reinou desde o madeiro»¹⁷.

¹ Cf. *Lc 7, 18-23*.

² Cf. *Jo 5, 36; 10, 25*.

³ Cf. *Jo 10, 38*.

⁴ Cf. *Mc 5, 25-34; 10, 52; etc.*

⁵ Cf. *Jo 10, 31-38*.

⁶ Cf. *Mt 11, 6*.

⁷ Cf. *Jo 11, 47-48*.

⁸ Cf. *Mc 3, 22*.

⁹ Cf. *Jo 6, 5-15*.

¹⁰ Cf. *Lc 19, 8*.

¹¹ Cf. *Mt 11, 5*.

¹² Cf. *Lc 12, 13-14; Jo 18, 36*.

¹³ Cf. *Jo 8, 34-36*.

¹⁴ Cf. *Mt 12, 26*.

¹⁵ Cf. *Lc 8, 26-39*.

¹⁶ Cf. *Jo 12, 31*.

¹⁷ VENÂNCIO FORTUNATO, *Hino «Vexilla Regis»*: MGH 1/4/1, 34 (PL 88, 96).

CIC 1814-1816: a fé é um dom de Deus

- 1814** A fé é a virtude teologal pela qual cremos em Deus e em tudo o que Ele nos disse e revelou e que a santa Igreja nos propõe para acreditarmos, porque Ele é a própria verdade. Pela fé, «o homem entrega-se total e livremente a Deus»¹⁸. E por isso, o crente procura conhecer e fazer a vontade de Deus. «O justo viverá pela fé» (*Rm* 1, 17). A fé viva «actua pela caridade» (*Gl* 5, 6).
- 1815** O dom da fé permanece naquele que não pecou contra ela¹⁹. Mas «sem obras, a fé está morta» (*Tg* 2, 26): privada da esperança e do amor, a fé não une plenamente o fiel a Cristo, nem faz dele um membro vivo do seu corpo.
- 1816** O discípulo de Cristo, não somente deve guardar a fé e viver dela, como ainda professá-la, dar firme testemunho dela e propagá-la: «Todos devem estar dispostos a confessar Cristo diante dos homens e a segui-Lo no caminho da cruz, no meio das perseguições que nunca faltam à Igreja»²⁰. O serviço e testemunho da fé são requeridos para a salvação: «A todo aquele que me tiver reconhecido diante dos homens, também Eu o reconhecerei diante do meu Pai que está nos céus. Mas àquele que me tiver negado diante dos homens, também Eu o negarei diante do meu Pai que está nos céus» (*Mt* 10, 32-33).

CIC 2734-2737: a confiança filial na oração

- 2734** A confiança filial é posta à prova – e prova-se a si mesma – na tribulação²¹. A principal dificuldade diz respeito à *oração de petição*, na intercessão por si ou pelos outros. Alguns deixam mesmo de orar porque, segundo pensam, o seu pedido não é atendido. Aqui, duas questões se põem: Por que é que pensamos que o nosso pedido não é atendido? E como é que a nossa oração é atendida e «eficaz»?
- 2735** Antes de mais, uma constatação deveria surpreender-nos. É que, quando louvamos a Deus ou Lhe damos graças pelos seus benefícios em geral, não nos importamos nada com saber se a nossa oração Lhe é agradável, ao passo que exigimos ver o resultado da nossa petição. Qual é, então, a imagem de Deus que motiva a nossa oração: um meio a utilizar ou o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo?
- 2736** Será que estamos convencidos de que «não sabemos o que pedir, para rezar como devemos» (*Rm* 8, 26)? Será que pedimos a Deus «os bens convenientes»? O nosso Pai sabe muito bem do que precisamos, antes que Lho peçamos²², mas espera o nosso pedido, porque a dignidade dos seus filhos está na sua liberdade.

¹⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 5: AAS 58 (1966) 819.

¹⁹ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de iustificatione*, c. 15: DS 1544.

²⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 42: AAS 57 (1965) 48; cf. Id., Decl. *Dignitatis humanae*, 14: AAS 58 (1966) 940.

²¹ Cf. *Rm* 5, 3-5.

²² Cf. *Mt* 6, 8.

Devemos, pois, orar com o seu Espírito de liberdade para podermos conhecer de verdade qual é o seu desejo²³.

2737 «Não tendes, porque não pedis. Pedis e não recebeis, porque pedis mal, pois o que pedis é para satisfazer as vossas paixões» (*Tg* 4, 2-3)²⁴. Se pedirmos com um coração dividido, «adúltero»²⁵, Deus não pode atender-nos, pois quer o nosso bem, a nossa vida. «Ou pensais que a Escritura diz em vão: “o Espírito que habita em nós ama-nos com ciúme”?» (*Tg* 4, 5). O nosso Deus é «ciumento» de nós e isso é sinal da verdade do seu amor. Entremos no desejo do seu Espírito e seremos atendidos:

«Não te aflijas, se não recibes logo de Deus o que Lhe pedes: é que Ele quer beneficiar-te ainda mais pela tua perseverança em permanecer com Ele na oração»²⁶.

Ele quer «que o nosso desejo se exercite na oração dilatando-nos, de modo a termos capacidade para receber o que Ele prepara para nos dar»²⁷.

²³ Cf. *Rm* 8, 27.

²⁴ Cf. todo o contexto de *Tg* 1, 5-8; 4, 1-10; 5, 16.

²⁵ Cf. *Tg* 4, 4.

²⁶ EVÁGRIO DO PONTO, *De Oratone*, 34: PG 79, 1173.

²⁷ SANTO AGOSTINHO, *Epistula* 130, 8, 17: CSEL 44, 59 (PL 33, 500).